

Contando Histórias para Crianças Surdas

Telling Stories for Deaf Children

Ruth Maria Mariani Braz^{*a}; Alessandra Teles Sirvinskas Ferreira^b

^aUniversidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Diversidade e Inclusão. RJ, Brasil.

^bUniversidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências, Tecnologia e Inclusão. RJ, Brasil.

*E-mail: ruthmariani@yahoo.com.br

Resumo

Por meio das danças e dos brinquedos cantados trabalhamos a corporeidade. Essa corporeidade entende que o ser humano não é apenas um corpo fisiológico de carne e osso, mas um corpo que se relaciona em um contexto sociocultural e de forma consciente. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar o desenvolvimento de um glossário de Libras em forma de contar história, inspiradas em brinquedos cantados, para crianças surdas. A metodologia da pesquisa utilizada foi qualitativa crítica exploratória, realizamos uma pesquisa bibliográfica narrativa e uma pesquisa de campo com crianças da educação infantil, surdos. Como resultado constatamos que o fato de contar história como forma de explicar, contextualizar se mostrou eficaz e, o brinquedo cantado contribuiu com o desenvolvimento do aluno tanto em aprendizado quanto em relações interpessoais. Concluímos que o glossário desenvolvido pode incentivar a difusão do folclore entre os surdos e estimulá-los a praticar as danças e as músicas.

Palavras-chave: Educação. Folclore. Produção de Material. Língua de Sinais. Práticas Exitosas.

Abstract

Through dances and sung toys, we work on corporeality. This corporeality understands that the human being is not only a physiological body of flesh and bone, but a body that is related in a socio-cultural context and in a conscious way. Thus, the purpose of this article is to present a glossary of Libras development in the form of storytelling, inspired by sung toys, for deaf children. The research methodology used was qualitative exploratory criticism, we carried out a narrative bibliographic research and a field research with preschool deaf children. As a result, we found that storytelling to explain and contextualize proved to be effective, and the sung toy contributed to the student's development both in learning and in interpersonal relationships. We conclude that the glossary developed can encourage the spread of folklore among deaf people and encourage them to practice dances and music.

Keywords: Education. Folklore. Material Production. Sign Language. Successful Practices.

1 Introdução

O folclore faz parte da grade curricular da Educação Física, nas séries iniciais da escolaridade de um aluno, como ficou determinado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Ao trabalhar essa temática, temos como objetivo conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1997).

Com o recurso das danças e dos brinquedos cantados, trabalhamos a corporeidade através da educação pelo movimento, estabelecendo diálogos que promovem o letramento de uma forma lúdica. Essa corporeidade entende que o ser humano não é apenas um corpo fisiológico de carne e osso, mas um corpo que se relaciona em um contexto sociocultural. Sendo assim, a Educação Física transcende os aspectos puramente fisiológicos e técnicos do corpo e

do movimento, perpassa pelas “dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos” (BRASIL, 1997, p.22).

Nos documentos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) entendemos como sendo meta da disciplina da Educação Física trabalhar a cultura corporal do movimento, pois não trata apenas de aspectos motores rígidos, repetitivos, sistemáticos, puramente biológico e fisiológicos (BRASIL, 1997). Na base nacional curricular comum (BNCC), temos as competências e as habilidades gerais que norteiam a produção de conhecimento de todas as disciplinas escolares, esclarecendo assim as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver. A BNCC expressa que a igualdade, respeito às singularidades e equidade, são valores a serem trabalhados na educação básica.

As competências do BNCC determinam que os alunos da Educação Básica devem: ser críticos e se apropriar do conhecimento de tal forma que sejam capazes de contribuir

na construção da sociedade, no trabalho e na atuação cidadã. Para isso se faz necessário que os professores sejam capazes de trabalhar com problemas utilizando o raciocínio científico, crítico e criativo. Na BNCC prevê também que o respeito a diversidade cultural, uma atitude responsável com o meio ambiente. E com as demais pessoas. Assim, os professores para auxiliar na produção do conhecimento nos discentes devemos usar diferentes formas de linguagem; com metodologias ativas e participativa, respeitando os direitos de todos e com todos; ter autoconhecimento e ser capaz de prezar pela inclusão, ética e solidariedade (BRASIL, 2018).

Ao entender o movimento como social e historicamente construído, a transmissão desse conhecimento e das expressões e produções culturais passa a ser conteúdo desta disciplina que educa o físico dentro de uma cultura corporal histórica e socialmente construída. Desta forma, compete à Educação Física escolar dar acesso ao aluno a múltiplos conhecimentos sobre o movimento, que contribuam para que ele desenvolva sua autonomia, seu estilo, sua capacidade de usar suas habilidades dentro da sociedade. Bem como apreciar o uso de outras culturas, por parte de outras pessoas, entendendo que essas variáveis são socialmente produzidas e estabelecidas.

O homem tem, ao longo da história, realizado vários registros para contar as suas histórias. A escrita tem sido uma das formas de espalhar e consolidar o conhecimento, solucionar problemas, bem como inovar em diferentes áreas do conhecimento. Os registros escritos deixados registrados pelo homem de diferentes materiais (pedra, papel, pinturas nas paredes, nas louças permitiu-nos a organizar e registrar as suas ideias.

Mariani (2013) menciona que a confecção dos dicionários começou em 2.600 A.C., com escritas cuneiformes e hieroglíficas, eles eram monolíngues e muitas vezes estavam esculpidas em paredes e/ou em pedras. Com o passar dos anos os dicionários evoluíram sendo impressos em papel.

Os gregos e os romanos usavam os dicionários para elucidação de dúvidas, de conceitos, mas não havia uma disposição em ordem alfabética, tornando mais difícil, para o usuário, pesquisar quaisquer verbetes (MARIANI, 2013).

Na era atual, os dicionários, impressos ou online, são obras de ordem alfabética e seu objetivo principal é despontar o significado da palavra ou termo ou léxico. Eles podem ser dicionários: etimológicos, bilíngues, trilingues, plurilíngue, sinônimos e antônimos, analógicos, temáticos, abreviaturas, entre outras informações inerentes à determinada língua (MARIANI, 2013).

O termo glossário pode ser definido como uma lista de palavras específicas, terminológicas, tratando de certos temas. Esse, geralmente surge como apêndice de uma obra temática a ser explicada. Denominam-se glossários bilíngues aqueles que têm as duas línguas concomitantemente, como no caso do glossário Português-Libras (DIAS *et al.*, 2017)

A importância dos glossários em Libras, para os surdos,

se dá porque possibilita a aquisição de novos vocabulários e, conseqüentemente, o desenvolvimento cognitivo, tendo em vista sua utilização para trabalhar conceitos (MARIANI, 2013).

O glossário do FolcloreLibras poderá incentivar a difusão do folclore entre os surdos, estimulá-los a praticarem as danças, como também a cantarem/sinalizarem as músicas. Apesar de o folclore ser parte importante da nossa cultura, ainda não se encontrou um glossário específico sobre essa área de conhecimento (FERREIRA, BRAZ e MELO, 2020).

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar o desenvolvimento de um glossário de Libras em forma de contar história, inspiradas em brinquedos cantados, para crianças surdas.

2 Material e Métodos

Para atingirmos este objetivo, usamos a metodologia da pesquisa qualitativa crítica exploratória e dividimos em etapas: primeiro realizamos uma pesquisa bibliográfica, depois escolhemos cinco brinquedos cantados: “Fui ao Amazonas buscar o meu chapéu” que juntamos com “Samba crioula que veio da Bahia”; “Ciranda, Cirandinha”; “A linda rosa juvenil”; “De abóbora faz melão, de melão faz melancia” e; “Pezinho”. Selecionamos as palavras principais das cantigas para a elaboração de um glossário e com o auxílio de um *PowerPoint*, exibimos imagens em uma sequência de contação de história, que contextualizavam os verbetes que as crianças não conheciam. Produzimos vídeos com os brinquedos cantados e com as histórias. Escolhemos um *site* gratuito para criar a nossa página online, alimentamos a página com lendas em Libras que estão disponíveis na internet. Aplicamos as videoaulas junto aos alunos da Educação Infantil do INES, na faixa etária de 4 a 5 anos e, por último, divulgamos o material através das redes sociais, como *Facebook* e o *Youtube*.

Para a realização da pesquisa submetemos o projeto ao Comitê de Ética da UFF, sendo aprovado com o número do CAAE: 61206916.1.0000.5243; com o número do parecer: 1.973.520; com o título da pesquisa: “Cultura corporal do movimento: cinco cantigas de roda para alunos surdos”. Todos os participantes foram esclarecidos e assinaram o termo de consentimento e o termo de assentimento de participação dos menores, bem como o termo de autorização de imagem e sons.

3 Resultados e Discussão

A construção de glossários vem crescendo nos últimos anos. Um levantamento no Google acadêmico revelou a existência de 3.240 textos sobre o assunto. Nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), foram encontrados 18 artigos, em diferentes áreas de conhecimento, sobre a elaboração de glossários para surdos.

Mariani (2013), Martins (2012), mencionam que há carência de sinais em Libras para diferentes áreas de

conhecimento, ainda aparece como um caminho longo a ser percorrido, tanto pela falta de pesquisas quanto de produções.

A Libras é uma língua, com uma estrutura gramatical organizada com seis parâmetros que são: Configuração da(s) Mão(s) - (CM), o Movimento - (M), e o Ponto de Articulação - (PA). Os outros três formam a parte secundária da estrutura linguística, sendo eles: Região de Contato, Orientação da(s) mão(s) e Disposição da(s) mão(s) (MARTINS; BRAZ, 2017). Também podemos utilizar os classificadores, quando queremos passar uma informação para uma pessoa com perda auditiva, podendo detalhar a ideia de quantidade e de intensidade.

Os classificadores são unidades de sinais constituídos pelos mesmos parâmetros de constituição de unidades lexicais simples. No entanto, eles têm significado complexo, pois substituem referentes, incorporam ações e desempenham uma função descritiva, podendo detalhar a ideia de quantidade (muito/pouco) e de intensidade (forte/ fraco/ lento/ rápido), paladar, cheiro, formas em geral, os objetos inanimados e seres animados (MARIANI, 2014, p.35).

Encontramos alguns glossários na literatura em Libras, sobre diferentes temas, alguns já foram publicados como, por exemplo: Dias *et al.* (2013), que publicou sinais de aves; Felten (2016), que apresentou o glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil; Borges (2015), que criou o glossário para a área de Computação; Carvalho e Mariani (2017), responsáveis pelo glossário de Matemática Calculibras¹; Rumjanek *et al.* (2017), com o glossário sobre temas da Biologia; Siés² (2015), que publicou o glossário dos desportos olímpicos; Mandelblatt e Favorito (2015), com a criação do Manuário Acadêmico³; glossários terminológicos, como o que está disponível no *site* da UFSC⁴, dividido em áreas temáticas: Letras-Libras, Arquitetura, Psicologia, dentre outras.

Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) estão construindo um glossário para diferentes áreas: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Educação Especial, Educação Física, Engenharia da Computação; a Universidade Federal de Minas Gerais tem catalogado verbetes a fim de chegar a um dicionário.

As pesquisas sobre os glossários têm se multiplicado pelo Brasil, no entanto, na área do folclore, nenhum glossário foi encontrado, pois muitos profissionais utilizam a mímica e/ou gesticulação e essas ações não compõem a língua de sinais.

Há falta de capacitação dos profissionais da educação para atenderem adequadamente os alunos com deficiência auditiva incluídos em classes regulares. Essa dita inclusão, sem suporte pedagógico, que exige do aluno se ajustar ao meio ou ficar excluído dentro de sala, não é inclusão de verdade, é apenas a velha integração. Essa integração escolar, de acordo com Glat

(1995), não contribui em nada para gerar uma integração na sociedade, isso porque o indivíduo está ali, mas sem pertencer àquele lugar, tanto na escola quanto dentro da sociedade.

Para uma inclusão ser real, segundo Cardoso (1992), o aluno deve se sentir parte do grupo, parte do outro. Esse aluno deve participar de tudo o que é vivenciado pelos demais na escola: fazer tarefas, dever de casa, apresentar trabalhos, participar de apresentações escolares, brincar junto com os demais alunos, tanto nas aulas de Educação Física quanto fora dela, no intervalo, na entrada, na saída.

Declaração de Sapporo no Japão em 2002 esclarece que a inclusão envolve [...] a participação plena que começa desde a infância nas salas de aula, nas áreas de recreio e em programas e serviços. Quando a criança com deficiência se senta lado a lado com muitas outras crianças as nossas comunidades são enriquecidas com a aceitação de todas as crianças (PEREIRA, 2008, p.1).

Uma estrutura escolar que promova autonomia, participação efetiva, através da ludicidade, estimulando o fazer criativo, autêntico, natural, contextualizado na realidade que o cerca, é essencial para conseguir desenvolver integralmente esse indivíduo. Para que esse aprenda a fazer, ser, interagir e representar. Assim, o aluno com deficiência poderá desenvolver suas potencialidades, bem como aprenderá as relações e regras sociais, tudo isso de forma significativa e prazerosa.

Para que a inclusão ocorra nas aulas de Educação Física, onde se trabalha o tema do folclore, é preciso uma abordagem diferenciada como contar histórias a fim de contextualizar o tema que se deseja trabalhar. Isso porque a Libras é uma língua espaço visual demandando o uso da pedagogia visual (MARIANI, 2013). Fazem-se necessárias estratégias e materiais didáticos diversificados que contribuam para promover aprendizagens eficientes e motivadoras. Para otimizar a aplicação dessas estratégias, um professor bilíngue é preferível.

A Educação Física escolar possibilita vivenciar as mais diversas manifestações culturais: danças, esportes, lutas, jogos, brincadeiras. Tudo isso poderá ser experimentado junto ao grupo da turma levando o aluno a perceber as influências destas no cotidiano social. Essa prática contribui na formação integral do aluno enquanto cidadão que entende a sociedade, é capaz de participar dela e de suas manifestações culturais com autonomia, valorizando o outro e a diversidade (BRASIL, 1997).

A música é um meio de expressão de sentimentos e emoções, é um patrimônio cultural da humanidade, envolve ritmo, vibração, movimento, estimula a imaginação, desnuda a alma, comunica, transcende o oralizar e o ouvir. A música reflete a cultura de um povo, a humanidade tem um histórico

1 Disponível no site <https://www.calculibras.com.br/>

2 Disponível no site <http://www.nucleosurdez.uff.br/?q=content/gloss%C3%A1rio-surdesportes>

3 Disponível no site <http://www.manuario.com.br/> e tem o programa Manuário da TV INES, disponível no site <http://tvines.ines.gov.br/?cat=43>

4 Disponível no site <http://www.glossario.libras.ufsc.br/index/historia>

de produção musical em ambientes de trabalho, de lazer, de prazer. No trabalho, a música une os trabalhadores, que ao ritmo de uma cantilena atuam em conjunto, integrados, numa mesma cadência (SACKS, 2007). Seja sentado à beira de uma fogueira, seja lavando a roupa no rio, seja assistindo a um espetáculo, a música envolve, contagia, alegra, entristece, está presente em nossas vidas.

Independentemente de ter ou não perda auditiva a música estimula, desenvolve, contribui para canalizar conflitos e disputas ao transformar sentimentos e emoções em movimentos de dança, em passos espontâneos ou sons musicais, isso foi o que Hagiara- Cervellini (2003, p.81) pôde verificar em suas pesquisas com crianças surdas.

a vivência da música propiciou e tornou visíveis a descontração, a liberdade, a criatividade, a comunicação, a afetividade e a alegria das crianças. Esses achados mostram a relevância da música na vida de sujeitos surdos, apontando para o papel que assume, no sentido de favorecer o seu desenvolvimento integral, como pessoa.

Hagiara-Cervellini (2003) constatou que a experiência de cada indivíduo é distinta, a maneira como dois ouvintes experienciam a música não é igual, assim também o é para o surdo, não há uma única forma, definida, enquadrada de experienciar a música. Em seus relatos, a autora conta que as percepções musicais dos alunos surdos se davam em alguns por um resquício auditivo, em outros pela vibração, para outros era no ritmo ou no movimento, e conseguiam se apropriar de tal forma da música a ponto de se expressarem criativa e afetivamente através dela.

Sentir a música em seus corpos e expressá-la através desses mesmos corpos, esse era o meio daqueles adolescentes surdos vivenciaram a música em sua completude, sim, em sua completude, afinal “música, antes de tudo, é movimento” (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p.84).

Um mito que precisa ser desfeito é o de crer que a música não é para o surdo. A música é para todos, afinal ela flui do indivíduo e pode contribuir para expressar emoções, para desenvolver a expressividade tanto facial quanto corporal, estimulando o desenvolvimento físico, psíquico e afetivo. O desenvolvimento cerebral através do imaginar a música já foi verificado por Álvaro e Pascual Leone, bem como por Robert Zatorre, estes pesquisadores verificaram que só o ato de pensar em música ativa e desenvolve hemisférios cerebrais relacionados a parte auditiva e, se esse pensar for acompanhado de um gesto motor de simulação de tocar um instrumento, contribui também para a ativação dos lobos cerebrais responsáveis pelas habilidades motoras (SACKS, 2007).

Nietzche escreveu que acompanhamos o ritmo da música, involuntariamente, mesmo se não estivermos prestando atenção a ela voluntariamente, e nosso rosto e postura espelham a narrativa da melodia e os pensamentos e sentimentos que ela provoca (SACKS, 2007, p.11).

Custódio (2002), ao trabalhar os brinquedos cantados

com turmas inclusivas, verificou que há necessidades de fazer adaptações, bem como é de vital importância ter um objetivo bem traçado e uma escolha cuidadosa com a música escolhida. Isso para que proporcione aos alunos a possibilidade de fantasiar a realidade através dessas vivências. Jogos e brincadeiras adaptados ao contexto inclusivo, promovem um processo de facilitação da inclusão através da sociabilização e da integração.

3.1 A aplicação das videoaulas

Ao apresentarmos as cantigas aos alunos, observou-se a necessidade de um glossário para que as crianças compreendessem a cantiga e fizesse a correlação com a dança. Como se tratava de crianças, o glossário precisou ser construído com uma contar história.

Percebemos que a letra do brinquedo cantado deve ser ensinada a partir da interpretação do seu conteúdo, este deve ser esmiuçado e explicado com o intuito de esclarecer, para a criança, o que está sendo de fato trabalhado. A explicação em Libras é a mais adequada para o aluno surdo, mas não apenas o uso da Libras é suficiente, é necessário um apoio visual que contribua com o processo de compreensão do aluno. Esse apoio também auxilia na memorização da letra, da dança e da brincadeira, tornando a atividade mais atrativa. Todavia, há uma grande carência de material explicativo em Libras sobre esse conteúdo, exigindo do profissional um conhecimento da língua ou um apoio de intérprete para concretização, de forma adequada, dessa explicação. Após a explicação da letra da música, Custódio (2002) diz que é o momento de ensinar os movimentos da dança.

A partir dessas constatações adotamos a seguinte sequência: apresentamos os glossários de contar as histórias das cantigas; em seguida estimulamos os alunos a representarem e recontarem as histórias para que, desta forma, se apropriassem melhor dos sinais e seus conceitos; só então os vídeos com a apresentação da dança e dos movimentos das cantigas foram exibidos, tendo também a interpretação em Libras que utilizava os sinais outrora vistos nos vídeos glossários, assim os alunos puderam compreender o que estava sendo dito e como o conto se relacionava com a dança/brincadeira; por último, os alunos, junto com os pesquisadores, foram incentivados a reproduzirem a brincadeira, sendo que foi permitido que os alunos escolhessem livremente entre fazer os gestos da dança e/ou os sinais da canção, alternando entre um e outro ou priorizando um ou outro.

Custódio (2002), em sua pesquisa constatou que os brinquedos cantados possibilitam uma mudança no convívio entre os alunos da turma junto aos alunos incluídos, verificou que houve mais cooperação e que a amizade entre eles se tornou mais natural e respeitosa, a diversidade deixou de ser uma barreira à inclusão.

O glossário apresentado neste artigo busca contemplar esta carência deletada pelos professores de alunos surdos ou ouvintes usuários da Libras para facilitar a comunicação e

promover uma relação mais íntima com o conteúdo, pois, todo sinal traz consigo o conceito, de acordo com os parâmetros da língua estudada. Temos que ressaltar que as palavras se modificam de acordo com os seus usuários, a língua é viva e está sempre em transformação (MARIANI, 2014).

As palavras que fazem parte deste glossário foram retiradas das músicas selecionadas: “Fui ao Amazonas buscar o meu chapéu” que juntamos com “Samba crioula que veio da Bahia”, Ciranda, Cirandinha”, “A linda rosa juvenil”, “De abóbora faz melão, de melão faz melancia” e, “Pezinho”, desenvolveu-se uma história para cada cantiga, cada história enfatizava as principais palavras e de cada música. Elaborou-se um roteiro de filmagem, e foi feita a transposição do português para Libras (a glosa).

Alguns dos verbetes selecionados foram: Ciranda, presente; anel; vidro; vidro quebras coração quebrar, ter, três filhas, linda, rosa, dia, vir a pessoa, bruxa; má, adormeceu a rosa, tempo passar rápido, mato crescer, homem vir, rei, beija flor, despertar a rosa, aplaudir, fim, festa, doce, abóbora, doce, cozinhar, melancia, cocada; coco; aprender, dançar, casa, amigo, pular, rodar; caranguejo, rio Amazonas, chapéu, azul, branco, céu, pé, peixe, diferente, maré baixa, sambar, mulher, negra, jogar na bacia, criança, dar banho, bacia, ouro, toalha, enxugar, arrumar a criança, vovó, junto, esquecer, abraçar, beijar pessoa no rosto.

Para cada palavra selecionada usamos uma imagem de correspondência a fim de contextualizar o brinquedo cantado e elaboramos o *PowerPoint*. Sempre usando a Libras como meio de comunicação e ensino, contamos a história de cada cantiga, usando os *slides* como apoio visual.

Após contarmos a história, convidamos as crianças a recontarem-nas, elas se revezaram nessa tarefa, cada uma escolhia a história que queria contar. Simultaneamente, um dos colegas de turma ficava responsável por passar os *slides*. As crianças dominaram tão bem o conteúdo que, após uma semana, já contavam as histórias sem nem mesmo olhar os *slides*, já sabiam exatamente o que viria a seguir.

Destacamos o fato de que a imagem se repetia de acordo com a repetição na cantiga, isso foi feito também na forma de contar a história por dois motivos: primeiro para que as crianças fixassem o sinal e o seu significado através da repetição em ver a imagem, sempre relacionada ao mesmo sinal e, em segundo lugar, servia para se acostumarem com a ideia da repetição da letra da música.

As línguas de sinais são línguas autônomas, com estruturas gramaticais próprias, compostas pelos níveis linguísticos fonológico, morfológico, sintático e semântico. A palavra ou item lexical das línguas oral-auditivas é denominado de sinal nas línguas de sinais (MARIANI, 2014, p.31).

Não podemos esquecer que muitos dos sinais que selecionamos e encontramos para a confecção do glossário eram classificadores. Os classificadores são unidades de sinais constituídos pelos mesmos parâmetros de constituição de unidades lexicais simples. No entanto, eles têm significado

complexo, pois substituem referentes, incorporam ações e desempenham uma função descritiva, podendo detalhar a ideia, tornando-a mais clara e significativa (MARIANI, 2014).

Dentro das cantigas utilizamos muitos classificadores, na “A linda rosa juvenil”, por exemplo, fazíamos o sinal de flor e fazíamos um classificador para representar a rosa, um classificador que especificava melhor o formato da flor, quando a flor dormia, fazíamos o classificador referente a flor dormir, bem como ao acordar; outro que usamos e que as crianças se apropriaram com facilidade foi, na cantiga “Ciranda, cirandinha”, o classificador no formato da ciranda e o coração partido, estes dois elas passaram a usar em seus diálogos ao convidarem seus amigos a brincarem de roda e usavam o do coração partido ao ficarem tristes quando, por exemplo, um amigo não queria brincar com eles.

O aluno pôde compreender a música, aprender a lição ali contida. Não apenas desenvolveu seu ato motor, mas se apropriou da sua cultura, do comportamento cultural ali expressado, dos valores ali representados.

A cultura e a música se influenciam diretamente, o poeta tira da cultura a essência para sua composição e, essa produção se torna cultura, elas se retroalimentam, disseminam valores e comportamentos, estabelecem limites sociais e/ou a quebra deles, estão carregadas de significados que só são compreendidos corretamente quando contextualizados um com o outro, sem o qual não há referência, se perde a essência (QUEIROZ, 2004). Muitos valores, tradições, comportamentos e regras sociais são aprendidas através de histórias e cantigas. Portanto, o ensino de uma cantiga não deve se restringir ao movimento, fazer isso é limitar o aprendizado, é negligenciar o saber.

A escola que se diz inclusiva, mas que dá ao aluno surdo apenas metade da informação, não prática real inclusão. No entanto, essa é uma realidade recorrente, considera-se que aos surdos basta estarem juntos dos ouvintes copiando os movimentos das danças, mostrando como está bonito dentro do grupo para dizer que há inclusão, mas, na realidade, está excluído, não sabe o motivo daquele movimento, está esvaziado de significados e de conteúdo. Uma escola inclusiva deve levar a informação completa ao seu aluno, adaptar o que for preciso, buscar estratégias diferenciadas para alcançar um verdadeiro ensino democrático.

Entendemos que o indivíduo é constituído a partir da alteridade, da relação com o outro dentro da sociedade que o cerca, assim é que se constrói a compreensão dos valores, posturas e signos, através da significação cultural. A identidade pode então ser desenvolvida e amadurecida, de forma consciente. Diante dessa importância do outro e da cultura na formação identitária e no desenvolvimento psicossocial, a educação desponta com grande relevância por ser ela um dos pilares principais na formação do ser humano, na capacitação e colaboração com o aprender significativo e contextualizado.

Diante do exposto, fica claro que a formação consciente

e autônoma do aluno surdo perpassa pelo conhecimento da cultura que o cerca e demais culturas, sem reducionismos e/ou exclusões, proporcionando a este a oportunidade de constituir sua identidade e individualidade com maior propriedade, posto que assim compreenderá melhor a sociedade, o outro e, conseqüentemente, a si mesmo dentro dessa sociedade e na relação com esse outro (PERLIN; STROBEL, 2008).

Ao professor, assim como à escola, cabe a responsabilidade de, adequando e adaptando o material para que o aluno compreenda e assimile, apresentar e ensinar sobre a cultura que o cerca. Ao fazer isso, o indivíduo poderá distinguir quantas e quais as influências culturais que o representam, aprenderá o valor das diferenças e poderá também ter uma opinião crítica consciente frente a esse saber e, assim, sua afirmação cultural poderá ser constituída.

O enfoque principal, ao trabalhar o brinquedo cantado com os surdos, foi de esclarecer o significado da dança e da brincadeira, significado esse contido nas letras das cantigas, essas letras narram uma história, essa história é então encenada através da dança e da brincadeira.

Entendemos que, ao compreender o todo, o aluno surdo é estimulado a desenvolver, não apenas suas habilidades motoras, mas também a expressão facial e a comunicação, a sua compreensão de mundo ao enxergar as representações das dinâmicas social e culturais em que há tensões sociais, referenciadas em transformações e conservações, preconceitos e quebra desses. Mas isso só é possível pela compreensão real da cantiga, sendo esta percepção que gerou a necessidade de desenvolver um glossário elucidativo através da contação de histórias.

De forma espontânea e, a partir dos movimentos da intérprete e das crianças nos vídeos, os alunos surdos desenvolveram uma noção rítmica, respeitando a marcação de tempo, também desenvolveram o trabalho em equipe atuando como parte integrante da roda e se movimentando harmoniosamente, com mudanças de direção, com pausas no movimento, com sinais e gestos que reproduziam a dança e a música.

Destacamos aqui a liberdade que foi dada aos alunos surdos de optarem pela cópia da dança ou a cópia dos sinais (para “cantar” a música), alguns optavam por mesclar as duas coisas, outros escolhiam ora um, ora outro movimento. Optamos por deixar livre essa escolha, por entendermos como processo de apropriação desse conhecimento e como desenvolvimento da autonomia, pois, ao escolher, o aluno prioriza e valoriza cada parte desse conhecimento, essa escolha era respeitada e valorizada, sendo avaliada como processo individual de apropriação cultural.

Ainda catalogamos vídeos produzidos por outros grupos de pesquisa, que estão disponíveis na internet com as lendas em Libras que poderão auxiliar no trabalho do folclore como por exemplo: A lenda da mandioca (2017); O Curupira (2017); A lenda da Iara (2017); A lenda da Vitória Régia (2013); A Lenda do Muiraquitã (2017). Estes trabalhos

produzidos complementam o FolcloreLibras e se encontram na página do Núcleo de Inclusão Galileu Galilei <https://projetoGalileuGalilei.wordpress.com/educacao-fisica/>.

Procuramos mostrar que a cooperação e a atenção de todos os alunos eram importantes para que a atividade pudesse ser realizada com êxito, estimulando os alunos a entenderem que faziam parte de um todo, a roda, de um coletivo. Portanto, os objetivos centrais do trabalho das cantigas de roda aqui proposto foram desenvolver a noção de cooperação trabalhando em equipe, do ritmo individual e em grupo, as expressões faciais e corporais e, a compreensão de novos sinais e conceitos, os quais foram alcançados com sucesso. Questões mais específicas da área da música como a harmonia, a melodia e a métrica do canto em si, foco da educação musical, não faziam parte do objetivo principal desta pesquisa.

4 Conclusão

Pelos resultados obtidos, é possível afirmar que o brinquedo cantado, como determinado no BNCC, possibilita conviver, explorar, brincar, participar, expressar-se, conhecer os conteúdos. Isso ocorre porque a roda é como a representação de uma família, o eu, o outro e o nós, todos juntos, em harmonia, atuando de forma cooperativa, não importam as diferenças e a diversidade dos corpos.

Verificamos, na busca bibliográfica que a construção de glossários vem crescendo nos últimos anos, mas que ainda há muitas áreas que precisam ser contempladas, dentre elas a área de folclore e cultura.

Constatamos que o fato de contar história como forma de explicar e contextualizar se mostrou eficaz e que o brinquedo cantado contribui com o desenvolvimento do aluno tanto em aprendizado quanto em relações interpessoais.

A aplicação das cantigas de rodas com apresentada em forma de contar histórias em vídeos com a janela em Libras, foram atrativos aos alunos da educação infantil e levaram os alunos a se apropriarem de forma consciente dos sinais. Essa apropriação era demonstrada nas construções frasais dos alunos, utilizando sinais aprendidos nos vídeos, em diferentes contextos, mas de forma adequada, o que confirmou nossa hipótese de que um glossário em formato de contar história permite uma compreensão adequada dos sinais, corroborou com os resultados de outras pesquisas que apontam os recursos visuais contextualizados como meios eficazes e é importante na educação de surdos.

Concluimos que a produção de vídeos como material didático para o ensino de cantigas de roda para surdos é uma ferramenta que auxilia na aprendizagem do folclore, que um glossário para o público infantil deve ser pensado em suas especificidades, com uma pedagogia visual, para ser eficaz.

Constatamos também que esse tipo de glossário pode incentivar a difusão do folclore entre os surdos e estimulá-los a praticar as danças e as músicas tanto dentro das escolas quanto em outros ambientes, facilitando a sociabilização.

Espera-se que este material, que está disponível e é de livre acesso para todos os interessados, possa auxiliar a outros colegas da Educação Física e aos alunos surdos, no trabalho de aquisição de novos vocábulos.

Referências

- A LENDA DA IARA. 2017. Disponível em: < <https://youtu.be/kHFeU7kf00U>>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- A LENDA DA MANDIOCA. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/uC_jR7Dtffs>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- A LENDA DA VITÓRIA RÉGIA. 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/KTzwO2YjtC8>>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- BORGES, L.C. et al. Glossário interativo de Libras para a área de Computação. In: *Computer on the Beach*, p.455-456, 2015.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. *Base Nacional Curricular Comum*. 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- CARDOSO, M.C.F. Integração educacional comunitária. *Rev. Bras. Educ. Esp.*, v.1, n.1, p.89-99, 1992.
- HAGUIARA-CERVELLINI, N. *A musicalidade do surdo: representação e estigma*. São Paulo: Plexus, 2003.
- CORDAZZO, S.T.D.; VIEIRA, M.L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. *Estud. Pesq. Psicol.*, v.7, p.89-101, 2007.
- CURUPIRA, O. In: COLEÇÃO Educação de Surdos, v.7. 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/11NWTPPl4>>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- CUSTÓDIO, V.S. Atividades lúdicas como elemento facilitador para inclusão do deficiente auditivo na classe comum. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2002.
- DIAS, L. et al. Libras e as aves: nomeando a diversidade Brasileira. *Rev. Arq.*, v.1, n.24, p.15-23, 2013.
- FELTEN, E.F. *Glossário sistêmico bilingue português-libras de termos da história do Brasil*. Brasília: UnB, 2016.
- FERNANDES, S.F. Práticas de letramento em contextos de educação bilíngue para surdos. *Rev. Fórum*, p.37-44, 2001. doi: <https://dx.doi.org/10.20395/fb.v0i25/26.289>
- FERREIRA, A.T.S.; BRAZ, R.M.M.; MELO, I.C.N.F. FolcloLibras: cantigas de roda acessíveis para surdos. *Conhec. Divers.*, v.12, n.26, p.116-136, 2020. doi: 10.18316/rcd.v12i26.6780
- GLAT, R. *A Integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1995.
- LENDA DO MUIRAQUITÃ. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ksoyc-7lvWY>>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- MANDELBLATTE, J.; FAVORITO, V. *Manuário acadêmico e escolar do Instituto Nacional de Educação de Surdos*. 2015. Disponível em: <<http://www.manuario.com.br/sobre>>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- MARIANI, R. et al. O dicionário online Spread the Sign: Integração Internacional de um recurso digital para a Educação dos surdos. *Rev. Arq.*, n.27, p. 28-37, 2013.
- MARIANI, R. Libras - A construção e a divulgação dos conceitos científicos sobre o ensino de Ciências e Biotecnologia: integração Internacional de um dicionário científico online. 2014. Tese. (Doutorado em Ciências e Biotecnologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2014
- MARINHO, M.L. *O ensino da Biologia, o intérprete e a geração de sinais*. Brasília: UnB, 2007.
- MARTINS, M.; FERREIRA, J.P.; MINEIRO, A. Os dicionários e os avatares Gestuais, o que são, como se fazem e para que servem. Lisboa: Universidade Católica de Lisboa, 2012.
- MARTINS, G.P.T.C.; BRAZ, R.M.M. Língua e tecnologia: a Libras na Web. Juiz de Fora: Editar, 2017.
- PERLIN, G.; STROBEL, K. *Fundamentos da Educação de Surdos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- PEREIRA, M.M. Inclusão Escolar: um desafio entre o ideal e o real. *Portal Educação*, 2008. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/2284/inclusao-escolar-um-desafio-entre-o-ideal-e-o-real>>. Acesso em: 5 jan. 2021
- QUEIROZ, L.R.S. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Rev. Abem*, v.10, p.99-107, 2004.
- RUMJANEK, V.M.B.D. et al. Projeto surdos-UFRJ, A Inclusão do surdo através do conhecimento científico. In: SEMINÁRIO A UFRJ FAZ 100 ANOS, 2017. Disponível em: <<https://conferencias.ufrj.br/index.php/sufrj/sufrjcem/paper/viewPaper/1220>>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- SACKS, O. *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.